

Parto Seguro

AVALIAÇÃO MÉDICA É FUNDAMENTAL PARA DECISÃO ADEQUADA QUANTO À FORMA DE NASCIMENTO

Tema foi amplamente discutido no 53º Congresso Brasileiro de Ginecologia e Obstetrícia, que acontece em novembro, em Belo Horizonte

Gerar uma vida é, sem dúvidas, a experiência mais marcante para o ser humano. Ter um filho é o sonho da maioria das mulheres, que, independentemente do momento, vê na maternidade a sublimação de toda a sua essência. Para o obstetra de confiança, que se esmera para obter os melhores resultados para a mãe e o feto, dia após dia, a satisfação e os sentimentos envolvidos não são muito diferentes. Justamente por isso, a prioridade neste momento é avaliar criteriosamente a forma adequada de nascimento para garantir um parto consciente e seguro. Este, por sinal, foi um dos principais temas do 53º Congresso Brasileiro de Ginecologia e Obstetrícia (53º CBGO), que aconteceu pela primeira vez em Belo Horizonte entre os dias 14 e 17 de novembro, no Expominas. O objetivo foi conscientizar sociedade e classe médica para a importância da decisão acertada e, ainda, defender e assegurar o direito da gestante de ser atendida por um médico durante o procedimento.

Segundo o presidente do Congresso, o médico João Pedro Junqueira Caetano, existe em curso hoje, no Brasil, um movimento pela melhoria da segurança e das condições de assistência obstétrica e do nascimento. Isso, em grande parte, devido ao aumento significativo do número de cesarianas, principalmente nos países em desenvolvimento. “O parto natural é, sem dúvida, a melhor alternativa para mãe e bebê em condições normais de saúde”. Alguns fatores, porém, precisam ser considerados antes de transformar a cesariana em uma vilã, como tem sido feito atualmente. “A enorme aceitação por parte das mulheres não veio por acaso e a cesariana é necessária em várias situações, como para evitar o sofrimento fetal e a mortalidade materna”, ressalta.

Caetano explica que a cesariana contribuiu para a redução dos altos índices de morbiletalidade materno-neonatal, que pode ocorrer em casos como ausência de dilatação completa do colo do útero; se a bacia da mãe é muito pequena e não dá passagem para a criança; se durante o trabalho de parto surge o sofrimento fetal (demora que pode causar falta de oxigenação) e em

caso de descolamento prematuro da placenta (que ocasiona hemorragias e falta de oxigenação). O método também é indicado na pré-eclâmpsia grave ou se houver risco de eclâmpsia (acesso convulsivo da parturiente); se, em mulheres de primeira gestação, a posição da criança não é adequada (ao invés de ela estar de cabeça para baixo, está sentada, por exemplo) e, ainda, se houver insuficiência placentária ou a sensibilização do feto pelo fator Rh. “A cesariana, portanto, não pode ser desprezada e, nessas situações, é um grande benefício à saúde da mulher e das crianças”, ressalta.

“A questão não é defender o parto normal ou a cesárea, e sim o PARTO SEGURO. O médico tem o dever de priorizar o parto normal, mas é preciso avaliar rigorosamente cada caso, pois nem sempre o parto normal é a melhor opção”, defende. O médico lembra, ainda, que o aumento do número de cesarianas é um fato mundial e se deve, sobretudo, ao avanço tecnológico, facilitador de um diagnóstico mais apurado das condições da criança no útero que, em alguns casos (em centros mais avançados), é possível até mesmo curar doenças fetais. “É claro que essas técnicas inovadoras não justificam, por elas mesmas, o excessivo número de cesarianas no Brasil. Mas também não podemos desconsiderar esses avanços”, avalia.

O presidente do 53º CBGO alerta que as mães devem sempre procurar a orientação do médico sobre a forma mais segura. “O parto normal deve ser a primeira opção. Não é aconselhável fazer uma cesariana sem que haja necessidade. Mas, se não for possível o normal, a cesariana é uma solução – e não um problema”.

Assessoria de Imprensa

Isabella Grossi

(31) 2126-8096/8099 – 8868-4928

isabella.grossi@maisnoticia.com.br

www.maisnoticia.com.br